



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PARAÍBA

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO
2ª LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

ADALBERTO ANTÔNIO FERREIRA

**ESTRATÉGIAS DE UM PROFESSOR SURDO PARA O ENSINO DA
LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA A ALUNOS SURDOS NA ESCOLA
PÚBLICA**

JOÃO PESSOA

2020

ADALBERTO ANTÔNIO FERREIRA

**ESTRATÉGIAS DE UM PROFESSOR SURDO PARA O ENSINO DA
LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA A ALUNOS SURDOS NA ESCOLA
PÚBLICA**

TCC - Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Alagoa Grande/PB, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação da Professora. Dra. Janaína Aguiar Peixoto.

JOÃO PESSOA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha - *Campus* João Pessoa, PB.

F383e FERREIRA, Adalberto Antônio.

Estratégias de um professor surdo para o ensino da língua portuguesa escrita a alunos surdos na escola pública / Adalberto Antônio Ferreira. – 2020.

19 f. : il.

TCC (Especialização – Língua Portuguesa para Surdos como 2ª Língua na Modalidade Educação a Distância) – Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB) / Universidade Aberta do Brasil (UAB) Programa de Pós-Graduação em Educação a Distância, Alagoa Grande – PB, 2020.

Orientação : Profa. Dra. Janaína Aguiar Peixoto.

1. Educação de surdos. 2. Língua portuguesa. 3. Libras. 4. Verbos. I. Título.

CDU 376:811.134.3(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

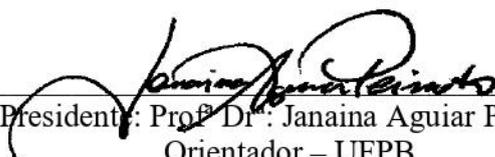
ADALBERTO ANTÔNIO FERRERIRA

**ESTRATÉGIAS DE UM PROFESSOR SURDO PARA O ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA ESCRITA A ALUNOS SURDOS NA ESCOLA PÚBLICA**

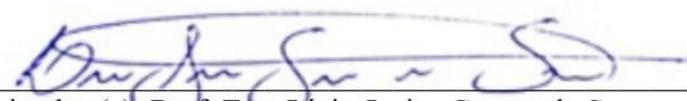
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

Aprovado em 11 de dezembro de 2020.

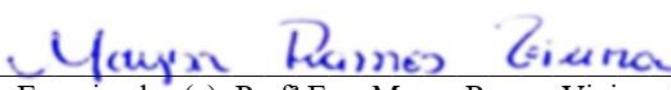
BANCA EXAMINADORA



President: Prof. Dr.ª Janaina Aguiar Peixoto
Orientador – UFPB



Examinador (a): Prof. Esp. Lígio Josias Gomes de Sousa – UFPB



Examinador (a): Profª Esp. Maysa Ramos Vieira – UFPB

Sumário

1 INTRODUÇÃO	6
2 ABORDAGEM DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS	8
2.1 ORALISMO	9
2.2 COMUNICAÇÃO TOTAL.....	9
2.3 BILINGUISMO	10
3 O PROCESSO DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA PARA SURDOS	11
4 ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE TEMPOS VERBAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS: UMA EXPERIÊNCIA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
6 REFERÊNCIAS	17

Estratégias de um professor surdo para o ensino da Língua Portuguesa escrita a alunos surdos na escola pública

Adalberto Antônio Ferreira¹

Janaína Aguiar Peixoto²

Resumo: A Lei de Libras (Lei 10.436/2002) e o Decreto que a regulamenta (Decreto 5.626/2005) são importantes marcos para a educação de surdos, estabelecendo que a Língua de Sinais é a primeira língua do sujeito surdo e a Língua Portuguesa escrita a segunda língua desse sujeito. Além disso, as instituições de Ensino Superior e da Educação Básica devem realizar ações para o ensino adequado aos discentes surdos. Sendo assim, o professor surdo recebe uma responsabilidade primordial nesse processo de ensino-aprendizagem porque deverá ser capaz de ensinar por meio de estratégias adequadas para esse alunado. Outra questão primordial na educação de surdos é o uso de estratégias de ensino e o uso de material didático adequado para o ensino de LP como L2. A partir de pesquisas sobre o ensino de Língua Portuguesa escrita para surdos (QUADROS, 1997; SILVA, 2001; PEREIRA E KARNOPP, 2003; QUADROS, 2008; KARNOPP, 2013 e PEREIRA, 2014), que destacam o ensino para surdos dentro de uma perspectiva bilíngue, essa pesquisa que se caracteriza como um Relato de Experiência (DALTRO e FARIAS, 2019) teve como objetivo apresentar estratégias de ensino dos tempos verbais na Língua Portuguesa para alunos surdos no Ensino Fundamental, e a partir disso trazer reflexões sobre o ensino-aprendizagem dos tempos verbais (passado, presente, futuro) ministrado por um professor surdo. Os resultados apontaram que o professor surdo pode-se utilizar de diferentes estratégias adequadas ao nível escolar dos alunos surdos e que o docente surdo deve considerar Libras como primordial para a aprendizagem da Língua Portuguesa.

Palavras-chaves: Educação de surdos. Língua Portuguesa. Libras. Verbos.

Abstract: The Libras Law (Law 10,436 / 2002) and the Decree that regulates it (Decree 5,626 / 2005) are important milestones for the education of the deaf, establishing that the Sign Language is the first language of the deaf person and the Portuguese Language written a second language of that subject. In addition, Higher Education and Basic Education institutions must carry out actions for adequate education for deaf students. Thus, the deaf teacher receives a primary responsibility in this teaching-learning process because he must be able to teach through appropriate strategies for this student. Another key issue in the education of the deaf is the use of teaching strategies and the use of didactic material suitable for teaching LP as L2. Based on research on the teaching of the Portuguese language written for the deaf (QUADROS, 1997; SILVA, 2001; PEREIRA AND KARNOPP, 2003; QUADROS, 2008; KARNOPP, 2013 and PEREIRA, 2014), which highlight teaching for the deaf within a bilingual perspective, this research that is characterized as an Experience Report (DALTRO and FARIAS, 2019) aimed to present strategies for teaching verbal tenses in Portuguese for deaf students in elementary school, and from there bring reflections on teaching- verbal tense learning (past, present, future) taught by a deaf teacher. The results showed that the deaf teacher can use different strategies appropriate to the school level of deaf students and that the deaf teacher should consider Libras as essential for the learning of the Portuguese language.

Key words: Deaf education. Portuguese language. Libras. Verbs.

¹ Licenciado em Letras com Habilitação em Libras (UFPB), Tradutor/Instrutor de Língua Brasileira de Sinais - Libras (CAS-PE) e Pós graduando em Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos (IFBP).

² Professora do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos do IFPB; Doutora em Letras (UFPB) e docente lotada no DLS/CCHLA da Universidade Federal da Paraíba.

1 INTRODUÇÃO

Abordar sobre o ensino de Língua Portuguesa (LP) como segunda língua (L2) para alunos surdos é um grande desafio. Desafio maior ainda é falar sobre esse ensino quando ele é ministrado por um professor surdo.

Este trabalho tem o início no relato de parte da biografia do autor, que ficou marcada como grande motivação para buscar os estudos sobre ensino da língua portuguesa. Por ser um trabalho escrito por surdo, as marcas linguísticas do autor estarão presentes no discurso e será possível identificar o uso da Língua Portuguesa como segunda língua.

Desde os quatro anos (1995), entrei na escola pública (Rotary Caruaru) e entrei no mundo surdo, aprendi a primeira LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e CT (Comunicação Total), não aprendi a língua portuguesa, porque as professoras não sabiam estratégias de ensino de português para alunos surdos e nem material didático na época.

Após alguns anos, com 13 anos (2006), mudei pra escola pública inclusão (Escola Duque de Caxias de Caruaru), comecei a aprender a língua portuguesa. Em 2008, fiz o curso de português para surdos na FAFICA com professora Ariane Rafaela de Freitas (ouvinte) fluente de Libras, durante curso 8 meses. Nesse percurso, como professor queria ensinar para alunos surdos os mesmos conteúdos, por exemplo, oração coordenada, análise sintática e gramatical, tempos verbais e outros tipos de conteúdos de português.

O professor surdo é uma referência para alunos surdos. Não apenas pela responsabilidade de ensinar na escola através dos recursos didáticos destinado ao aluno surdo mas, pelo seu conhecimento sobre a cultura surda e a Língua Portuguesa como sua L2. Tendo sua identidade constituída na cultura surda o professor surdo pode ensinar igual ao professor ouvinte, mas com estratégias e experiências diferenciadas advindas da sua imersão na realidade do aluno surdo.

É importante destacar que muitas vezes os docentes ouvintes não sabem muito bem instruir LP para surdos, pois faltam estratégias adequadas para alunos surdos em sala de aula. Diante dessa realidade, infelizmente, também faltam professores surdos de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos. Essa falta pode ser explicada porque os professores surdos também não estão devidamente preparados para ensinar Língua Portuguesa e por não gostarem dessa disciplina.

O decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2002) no capítulo iii, trata da formação do professor de Libras e do instrutor de Libras, mostrando que é muito importante o papel desse sujeito na educação de surdos. No artigo 4º do referido decreto, a formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação Superior deve

ser realizada por meio de curso superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Desse modo, os professores surdos devem saber duas línguas (L1 e L2) para ensinar os alunos a compreenderem melhor a sua língua materna. De acordo com o decreto, os professores devem aprender Libras e utilizar essa língua como mediadora para o ensino de português escrito na sala de aula todos os dias. Além disso, é importante que a Libras e Língua Portuguesa escrita sejam as línguas de instrução, buscando a formação bilíngue tendo a Libras como primeira língua e Língua Portuguesa escrita como segunda língua. A Lei 10.436/2002 ainda é recente e o Decreto 5.626/2005 é mais recente para que as instituições tenham formado muitos professores surdos, contudo não deixa de ser relevante nos dias atuais.

O meu caminho para os estudos sobre o ensino de português como L2 para alunos surdos na escola pública em Caruaru/PE foi traçado porque entendo que é necessário o ensino de português como L2 para discentes surdos na sala. Como docente, partindo das observações das dificuldades dos aprendizes surdos em compreender conteúdos de Língua Portuguesa, em especial, os verbos, vi que muitos surdos enxergam como uma atividade complexa entender qual era o tempo verbal expresso em uma frase, não conhecendo de que forma os verbos se expressam em decorrência do momento que ocorre o processo verbal. Assim, esse trabalho contribuiria para articular teoria e prática para instruir a segunda língua para surdos dentro da escola pública.

Diante dessa realidade foi levantada a problemática: como a utilização de estratégias para o ensino dos tempos verbais da Língua Portuguesa para alunos surdos favorece sua compreensão e construção na escrita de textos? Para responder a essa questão foi definido como objetivo deste trabalho apresentar estratégias de ensino dos tempos verbais na Língua Portuguesa para alunos surdos no Ensino Fundamental. Como professor surdo, entendo que é essencial saber e usar estratégias de ensino para alunos surdos, mostrando que verbo indica um processo localizado no tempo: passado, presente e futuro. Em razão disso a presente pesquisa se torna mais relevante por proporcionar no meio acadêmico este estudo inédito sobre as experiências do docente surdo, autor deste relato, no ensino da LP para surdos.

A bibliografia existente até agora revela que existem vários trabalhos importantes sobre o ensino de LP como L2 para surdos, como por exemplo, Quadros (1997), Silva (2001), Pereira e Karnopp (2003), Quadros (2008), Karnopp (2013) e Pereira (2014), mas esses trabalhos mostram experiências de professores ouvintes. Com relação à atuação de professores surdos, a literatura não mostra muitos trabalhos. Martins (2010), em sua dissertação de mestrado, aborda

a relação entre professores e alunos surdos em sala de aula. Morato *et al.* (2014) trata da inserção de professores surdos em salas de aula regulares com alunos ouvintes.

Esses trabalhos são muito importantes e ampliam a temática da educação de surdos, mas não se verificam pesquisas que abordem o ensino de LP como L2 para alunos surdos por um professor surdo. Por isso, este estudo busca oferecer subsídios para interessados em estudar o referido tema, de modo que as estratégias aqui colocadas ajudem professores da escola pública a ensinarem a LP para alunos surdos de forma mais fácil e eficiente.

Como essa pesquisa tem como base o relato da biografia do autor, em sua metodologia ela se apresenta como uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, do tipo Relato de Experiência, tendo em vista que este trabalho irá descrever e refletir as estratégias aplicadas pelo autor do relato dialogando com a teoria.

Como um relato de experiência, Daltro e Faria (2019) afirmam que este tipo de pesquisa é um trabalho de construção e memória no qual o relator elabora algo que aconteceu recorrendo a suas competências de reflexão e associação e sua posição de sujeito no mundo. Essas autoras também defendem um olhar epistemológico para os relatos de experiência como um importante produto científico da contemporaneidade, pois por ter um desenvolvimento teórico-prático exige um refinamento dos saberes a partir de uma perspectiva que leva em conta o contexto histórico-cultural do relato sem procurar se constituir como uma conjuntura de verdades, mas sim de saberes transformadores.

A partir disso, esse trabalho foi subdividido em três seções que buscarão mostrar os principais métodos de ensino usados para a aprendizagem da L2 na história da educação dos surdos; o processo de compreensão da língua portuguesa escrita com o aluno surdo no decorrer de seu letramento; e por fim as estratégias utilizadas para o ensino dos tempos verbais em LP para alunos surdos do 5º ano do Ensino Fundamental mostrando atividades sobre verbos elaboradas para alunos surdos.

2 ABORDAGEM DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Para que haja uma educação eficaz no ensino de português para discentes surdos na escola pública, é necessário que o professor surdo saiba duas línguas: Libras (L1) e Língua Portuguesa (L2). Assim, desde pequeno, deve-se aprender a língua materna e depois a segunda língua ou a aquisição das duas línguas concomitantemente. Além do conhecimento da cultura surda como importante instrumento de motivação e ensino do estudante.

No entanto, é raro que os alunos surdos gostem de ler ou escrever em português habitualmente, aparentando uma situação de muita dificuldade em aprender. Esse pensamento é gerado devido à experiências insatisfatórias com a aprendizagem dessa língua, como afirmam Pereira e Karnopp (2003) o trabalho na ênfase no vocabulário isolado e controle de estruturas sintáticas dificultava o desempenho da leitura e escrita dos alunos surdos tornando a aprendizagem da L2 uma atividade laboriosa.

Sendo assim, para compreendermos como pode ser possível ensinar a língua portuguesa a estudantes surdos de forma diferente e que produza uma rica aprendizagem, é importante primeiramente saber que a educação de surdos passou por vários métodos de ensino até chegar ao momento atual, em que o bilinguismo é predominante nas escolas brasileiras e internacionais. Diante disso, será apresentado um panorama de cada método.

2.1 ORALISMO

No século XIX, durante o Congresso de Milão em 1880, o uso da Língua de Sinais foi oficialmente proibido em escolas públicas e na comunidade surda, como tentativa de dissipar a Língua de Sinais. Foi implantado o método do Oralismo em que a “língua oral” deveria ser desenvolvida e estimulada com os surdos, considerando importante a estimulação na língua falada, obrigando a aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade oral, isto é, a língua utilizada pelos ouvintes, sem considerar, por exemplo, a cultura surda.

Segundo Lacerda (1998) seu criador foi o educador alemão Samuel Heinicke que defendia que o pensamento só é possível por meio da língua oral e que a língua escrita teria uma importância inferior, além do ensino da língua de sinais ser um retrocesso para alunos surdos. Dessa forma, a aprendizagem da Língua Portuguesa pelo surdo era igual à do ouvinte, tendo o mesmo padrão de ensino para as pessoas surdas e ouvintes. Streiechen (2012) complementa afirmando que esse método não foi eficaz em ensinar os surdos a falarem, ao invés disso, eles conseguiam pronunciar algumas poucas palavras e sua aplicação tem consequências negativas até os dias atuais para aqueles que foram educados por ele.

No entanto, é importante pensar que a aquisição da língua oral antes da Língua de Sinais pode ser um obstáculo para a aprendizagem da Libras, pois a pessoa pode não desenvolver a língua materna adequadamente. Durante muito tempo, as pessoas surdas aprendem primeiro a Língua Portuguesa, o que não significa satisfação ou êxito nesse processo.

2.2 COMUNICAÇÃO TOTAL

O método Comunicação Total é aquele que pressupõe que as pessoas com surdez conseguirão se comunicar a partir de diversas estratégias de comunicação, incluindo sinais, gestos, expressões e recursos de comunicação oral entre surdos e entre surdos e ouvintes. A filosofia desenvolve predominantemente a experiência da criança surda com a modalidade oral da língua, mas explora também o conhecimento da língua por meio de gestos e outros mecanismos para ensinar ou se comunicar com surdos.

Para Marchesi (1995) esse método não se colocou em total oposição ao oralismo, mas se apresentou como um sistema complementar. A maioria das pessoas surdas consegue desenvolver as duas línguas, a oral e a de sinais, além de receber estímulo visual como facilitador para a comunicação entre surdos ou surdos e ouvintes, a partir de qualquer recurso em qualquer contexto. Apesar desse método proporcionar a utilização de sinais, ele não produziu resultados suficientemente bons e utilização de sinais não foi desenvolvida, mas se limitou a ser somente um ferramenta auxiliar na da fala (LACERDA, 1998).

2.3 BILINGUISMO

É um método de ensino que ganhou força nas últimas décadas, principalmente no âmbito nacional. A partir da década de 1980, o Brasil passou a adotar a abordagem bilíngue de ensino, em que surdos devem aprender a Língua de Sinais como primeira língua, preferencialmente de zero a três anos (QUADROS, 1997), devem ter e desenvolver língua própria, devem aprender essa língua o mais rápido possível, seguida do aprendizado do português escrito como segunda língua (L2).

Aprendizagem bilíngue pode ser implementada em várias situações, por exemplo, quando, por motivo de mudança de país, filhos pequenos são levados a aprender duas línguas: a materna e a do país em que estão morando, sendo essa a segunda língua. No caso de surdos, a situação é um pouco mais complexa, pois a limitação da audição pressupõe dificuldade na comunicação.

De acordo com Arcoverde (2017), a questão cultural é de suma importância nesse contexto de ensino bilíngue para surdos, destaca que a “temática sobre uma cultura de surdos divergente de uma cultura ouvinte é relevante e suscita uma maior investigação, sendo até hoje, tema central em muitos debates científicos da área” (ARCOVERDE, 2017, p. 135). Os surdos podem ser considerados bilíngues a partir do momento em que dominam duas línguas legitimamente brasileiras, considerando a necessidade da cultura surda própria. Segundo Quadros (1997), uma das línguas (o português) é a língua oficial e majoritária enquanto a outra

(a Libras) é língua minoritária, igualmente importante.

A necessidade da organização do bilinguismo no espaço escolar público ocorre para oportunizar o acesso a dois sistemas linguísticos convencionais para que as crianças surdas não tenham prejuízos ao seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e social, ou seja, de acordo com Arcoverde (2017) elas possam se igualarem às demais crianças brasileiras em oportunidades de acesso à comunicação e ao seu conhecimento, é necessária a organização do espaço institucional para que a educação linguística se realize.

Uma reflexão sobre um projeto educacional amplo e social que exige, em todos os níveis, um repensar sobre a formação de professores, a participação de intérpretes de língua de sinais em todo o processo pedagógico e a adoção de práticas que oportunizem para os surdos o acesso aos diferentes conteúdos sociais e culturais existentes.

Assim, a pessoa surda convive no dia a dia com duas línguas e duas culturas como um ser bicultural. Na perspectiva educacional bilíngue, o professor deve ter conhecimento das duas línguas, necessárias numa escola bilíngue para alunos surdos. Conviver no dia a dia com línguas distintas e dentro das duas culturas não é fácil, por isso, na escola pública é importante que todos os profissionais, tanto professores como os demais funcionários se comuniquem em Libras, sejam fluentes em Libras nas diversas situações de interação que acontecem no contexto escolar, com o mínimo de perda de informações para a comunicação.

Essa perspectiva bilíngue, se implementada adequadamente, não causa prejuízo aos alunos surdos, pelo contrário, contribui para o empoderamento desse sujeito e sua inserção nos contextos educacionais, profissionais e sociais.

Vale ressaltar que a aquisição da língua é uma das questões mais importantes para a alfabetização e o letramento do aprendiz surdo e que a aprendizagem da Libras e da Língua Portuguesa escrita são pontos fundamentais para o desenvolvimento do sujeito surdo. A Língua Portuguesa só será bem desenvolvida no aluno surdo a partir de estratégias de ensino praticadas em Libras. Na próxima seção, serão apresentadas algumas discussões sobre o ensino da escrita.

3 O PROCESSO DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA PARA SURDOS

Ao nos posicionarmos frente às questões de aprendizagem da L2 por pessoas surdas, é imprescindível considerarmos primeiramente que esses sujeitos são detentores de uma língua visual-gestual e que através da sua língua materna podem traçar paralelos com a língua portuguesa, seja ela na modalidade oral ou escrita.

Na proposta sobre investigação das práticas de escrita na escola pública, Karnopp

(2013) discorre sobre formas como são situadas as relações entre Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa para alunos surdos e destaca que são importantes os métodos de ensino de leitura e escrita. O desenvolvimento da compreensão leitora desses alunos, segundo a pesquisadora, vai se desenvolver à medida que as duas línguas são ensinadas ao mesmo tempo. Em concordância com essa autora, Quadros (2008) defende que a escrita exige habilidades específicas que só se desenvolvem quando o aluno tem o domínio da linguagem, sendo assim, os surdos precisam ter domínio da língua de sinais, pois é a partir dessa língua que eles compreendem que palavras, frases, sentenças e parágrafos tem um significado e necessitam ser entendidas dentro de um contexto.

Silva (2001) pesquisou sobre o trabalho educacional com pessoa surda ou aluno surdo na escola e destaca a importância da reflexão sobre o processo de escrita do surdo e compreensão de que é sua segunda língua, não é parecida com a língua dos ouvintes. Muitos surdos têm dificuldade para ler e escrever normalmente. Nesse sentido, a principal exigência é o professor ter consciência de que a LP é a segunda língua no processo da escrita, compreensão e discussão sobre textos. Esta autora ao destacar a importância de se observar e considerar a escrita atípica dos surdos no contexto escolar, procurando entender as especificidades presentes nas construções dos enunciados escritos por surdos, que, normalmente, interagem no plano da linguagem viso-gestual. A pesquisadora acrescenta

Como tenho observado, que a escrita não segue as mesmas construções dos ouvintes, que se apoiam na linguagem oral para produzir a escrita. Algumas singularidades do texto são apontadas por autores brasileiros, a exemplo: Gesueli, Fernandes, Brito, Góes, Souza. Apesar da relevância desses estudos, há ainda muito a compreender. “O modo pelo qual eles criam sentidos para os diferentes signos merece aprofundamento teórico mais consistente em pesquisas que demandam outro espaço”. (SILVA, 2001: p. 13-14).

Ao mencionar as características próprias da língua escrita e sua relação com a língua de sinais, Quadros (2008) considerando os estudos de Strömqvist faz algumas observações como: o aspecto visual da escrita e da língua sinalizada são um ponto em comum e apresenta repercussões no processo de ensino de L2 para surdos, apesar do sinal ser manual e facial e a escrita ser gráfica e, na escrita, as mudanças de significado de uma mesma expressão podem ser marcados através de recursos tipográficos (como o uso de negrito, das aspas) contudo não apresenta repercussões tão evidentes quanto é no uso dos sinais. Assim, é importante considerar no ensino formal da escrita para alunos surdos a sua inclusão nas fases mais iniciais como parte do planejamento escolar favorecendo a aprendizagem de L2 para surdos.

Infelizmente, não é isso que algumas escolas se propõem a trabalhar. Os estudantes surdos pouco tem acesso ao mundo letrado, e quando são expostos a atividades de escrita limitam-se a realizar exercícios de repetição. Essa realidade tem feito com que as crianças surdas desconheçam a função social da escrita e não percebam que para produzir um texto necessitam realizar operações complexas como a manipulação de recursos para articular coesão e coerência na produção de sentido, e não a mera justaposição de palavras ou frases sem articulação, como demonstra Silva (2001). A mesma autora ainda salienta que:

[...] a tarefa de escrever não se reduz apenas à tradução da fala em sinais gráficos, pois existem especificidades próprias de cada modalidade. [...] a linguagem escrita tem suas próprias regras, e os recursos da linguagem necessitam ser revistos para garantir seu desenvolvimento. (SILVA, 2001, p. 44).

É importante que nesse processo de ensino da escrita seja disponibilizado também para o aluno surdo experiências diversas de leitura, pois através da leitura ele poderá escrever satisfatoriamente textos na L2, ou seja, com seu conhecimento da leitura, consegue assimilar e apreender as palavras e novos vocabulários (PEREIRA, 2014). Isso pode ser visto na literatura sobre a educação de surdos em que são mostrados a preocupação com o desenvolvimento da leitura, pois é essencial compreender textos de forma crítica, seus significados denotativos e conotativos para então realizar produções escritas.

Ao receberem estímulos, os aprendizes surdos conseguem ler e escrever de forma satisfatória. O professor precisa trabalhar com vários assuntos sobre ensino de português ou adaptar, mostrando livros, por exemplo, sobre ensino de português como segunda língua, para ajudar com o método de ensino para os alunos com surdez, isso mediado pela língua de sinais. É necessário que os alunos surdos mediante atividades com a língua escrita possam usá-la de forma criativa em diferentes contextos e com diversas funções possíveis, considerando também a L1 como fundamental na ampliação de conhecimentos, na discussão dos assuntos e nas produções escritas desses educandos.

4 ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE TEMPOS VERBAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS: UMA EXPERIÊNCIA NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

O sujeito desta pesquisa é professor surdo que atuou na turma do 5º do ensino fundamental da escola pública municipal Duque de Caxias na cidade de Caruaru-PE com estratégias de ensino da Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos com enfoque no

ensino-aprendizagem de verbos. Vale ressaltar que, além da experiência para ensino de verbos, também foram desenvolvidas estratégias para abordar outros conteúdos como preposição e pronome, dentro de uma perspectiva bilíngue de ensino-aprendizagem.

Os conhecimentos da área de Língua Portuguesa como segunda língua e cultura dos surdos, os estudos sobre ensino-aprendizagem de estratégias de leitura e escrita como segunda língua e a participação no grupo de pesquisa me ajudaram a produzir atividades adequadas para alunos surdos aprendizes de português como L2. Destaca-se isso pois além do conhecimento teórico “o professor surdo conhece a surdez e tem experiências e práticas a partir desse ponto de vista que pode favorecer o uso de estratégias pedagógicas mais adequadas aos alunos surdos [...] (MARTINS, 2010, p. 52), além de que a atuação do professor surdo possibilita que a sociedade acredite na atuação de pessoas com deficiência no campo social (MORATO et al., 2014). Sendo assim, serão apresentadas algumas estratégias usadas no ensino dos tempos verbais em L2 para os alunos surdos:



Fonte: dados da pesquisa.

Na imagem acima o aluno é ensinado a observar o tempo em que o verbo “comprar” se apresenta, para isso são pontuados três aspectos que auxiliam na compreensão: a marcação intencional em negrito do verbo no infinitivo e também suas terminações segundo a flexão de cada tempo em que a ação ocorre (ei, o, arei); entre parênteses, além do tempo verbal em que o verbo foi flexionado, outras palavras são colocadas para complementar a ideia de tempo que cada um deseja exprimir (foi, agora, já, amanhã); por fim, as imagens são usadas para esclarecer o objeto de compra daquele sujeito que realiza a ação do verbo comprar nos tempos verbais colocados (pipa, carrinho, livros, casa, carro).

Figura 2

Complete: verbo comprar

Em 2017, eu compr _____ um celular e um presente para minha mãe.

Em 2015, eu compr _____ uma camisa verde e amarela.

Este ano eu compr _____ um tênis para usar na escola.

Em 2014, eu compr _____ um carro e tive um acidente na árvore.

Em 2018, eu compr _____ uma passagem de avião.

Em 2016, eu compr _____ uma casa mais bonita.

Eu gosto muito de televisão, ano que vem eu compr _____ uma televisão nova.

Fonte: dados da pesquisa

A imagem acima apresenta outra estratégia de atividade proposta com o verbo “comprar” em que as orações apresentam verbos apenas com sua parte radical e serão terminadas pelos alunos segundo o tempo verbal identificado por eles em cada frase.

Figura 3

Complete com os verbos indicados entre parênteses no modo indicativo:

a) A flor (ela) se _____ em fruto. (**transformar** - pretérito perfeito).

b) O cãozinho (ele) _____ na piscina. (**cair** - pretérito perfeito).

c) Você _____ muito bem. (**escrever** - presente).

d) Nós _____ todo o pudim? (**comer** - pretérito perfeito).

e) As crianças (elas) _____ mais cedo amanhã. (**sair** - futuro do presente).

f) Nós _____ nosso problema através do diálogo. (**resolver** - futuro do presente)

g) Eu _____ muito de você. (**gostar** - presente)

Fonte: dados da pesquisa.

A figura 3 apresenta uma atividade em que os alunos tem por objetivo flexionar os verbos presentes nas frases apresentadas segundo o tempo e modo indicado entre parênteses. Semelhantemente à atividade da figura 1, os radicais dos verbos no infinitivo foram destacados em negrito e suas terminações em vermelho, verde ou azul para melhor compreensão.

Para Silva (2001) os exercícios de linguagem utilizados para alunos surdos podem se constituir em um momento de produção e significação estando presente as condições de valor social da linguagem. Assim, destaca-se que o professor não pode se limitar a apresentar somente atividades diversas sobre a estrutura da LP, mas deve também enfatizar o seu uso e importância para as situações de comunicação com outros sujeitos que compartilham essa mesma língua.

As estratégias mostradas visam apresentar as mudanças que ocorrem na L2 escrita no momento de expressarmos uma situação que ocorreu num determinado momento, ou seja, o que aconteceu, o que acontece ou que irá acontecer, que diferentemente da Libras, são expressos com acréscimo de sinais que indiquem tempo verbal (passado, presente e futuro).

Lebedeff (2006) em uma pesquisa com uma professora surda apontou algumas estratégias utilizadas para o ensino da L2, entre elas estão a soletração em alfabeto digital e a comparação entre as duas línguas nos níveis lexicais e estruturais das frases. Esse último recurso é de total importância pois, como aponta essa autora baseada em Nelson (1998)

[...] quanto maior for o domínio da língua de sinais, tanto maior será o número de conceitos semânticos e dispositivos lingüísticos de que a criança disporá para a aprendizagem do léxico e da sintaxe da língua escrita. A 'fluência em língua de sinais incrementa a compreensão dos materiais de ensino e exercícios propostos pela professora [...] Além disso, a língua em comum favorece o estabelecimento de um ambiente encorajador de aprendizagem pela possibilidade de interações, feedbacks, aumento de autoestima, identificação cultural positiva, altas expectativas de professores e alunos com relação ao resultado da aprendizagem e maior nível de atenção e motivação. (LEBEDEFF, 2006, p. 147).

Da mesma forma, Silva (2001) ao falar do processo de aprendizagem de L2 escrita pelos surdos destaca que tanto sujeitos surdos como ouvintes apresentam dificuldades na gramática quando estão aprendendo uma língua estrangeira. Assim, as limitações dos surdos no uso da estrutura da língua portuguesa comprovada pela falta de entendimento no processo de formação de palavras ou uso inadequados de verbos e preposições podem ser evidência do resultado da ausência da língua de sinais no processo de educação formal desses sujeitos.

Por fim, o ensino de verbos deve ser mediado por imagens e textos para que por esses elementos o aluno possa perceber a diferença de tempo, deste modo o ensino-aprendizagem torna-se confortável para esses discentes surdos. Assim sendo, o professor surdo deve prestar atenção na avaliação das produções escritas dos alunos surdos, buscando estratégias e objetos de aprendizagem para que eles possam conhecer, compreender e fruir do conhecimento dos tempos verbais na escrita da língua portuguesa, a partir da conscientização da aquisição das duas línguas: Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa e, segundo Arcoverde (2017, p. 136), a aprendizagem de Língua Portuguesa deve ser realizada pela “prática viva da língua, pelo uso social e discursivo, como linguagem em ação”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito importante pensar na relação entre professores surdos e alunos surdos para adquirir o conhecimento de vocabulário em Língua Portuguesa, para o desenvolvimento e a construção de textos escritos na sala de aula, implicando a aprendizagem da segunda língua. Parte-se do pressuposto de que o professor surdo deve ser responsável pelo ensino de LP, sendo esse ensino de português mediado pela Língua Brasileira de Sinais. Portanto, é essencial o uso da Libras para a compreensão e percepção de como os alunos desenvolvem muitos vocabulários ricos para a realização da escrita.

Os discentes surdos são capazes e o professor surdo tem capacidade e instrumentos para o ensino da segunda língua. Certamente, professores surdos podem estar capacitados para o ensino de português para alunos surdos e ouvintes, bastam que sejam bilíngues, ou seja, que dominem a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa na modalidade escrita.

O importante é que eles saibam utilizar estratégias didáticas autênticas, para que os alunos surdos aprendam a ler e escrever em português de forma mais adequada. É primordial que os professores dominem estratégias visuais, que façam as adaptações para o português e que usem a Libras como língua de instrução na sala de aula, os docentes precisam trabalhar com seus alunos surdos na escola pública promovendo a integração das línguas nas atividades sobre ensino de português, considerando que os surdos são capazes, podem conviver com mundo ouvinte, com uma cultura e uma língua diferentes da sua.

Sem essa concepção de aprendizagem, os professores estarão limitados a desenvolver uma prática que submeta o aluno surdo a se adaptar às tarefas e aptidões pré-estabelecidas da escola ou invés de adaptá-las às necessidades deste ao seu ritmo próprio no seu processo de aprendizagem.

6 REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. Dos desencontros com a linguagem escrita a um encontro plurilinguístico. In: DORZIAT, Ana (Org). **Estudos surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

BRASIL. **Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 12 abr. 2012.

BRASIL. **Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de

24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia.**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 1, p. 223-237, jan. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 out. 2020.

KARNOPP, Lodenir Becher. Produção culturais em Língua Brasileira de Sinais (Libras). **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 3, p. 407-413, jul/set. 2013 - Porto Alegre: UFRGS, 2013.

LACERDA, Cristina B.F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 19, n. 46, p. 68-80, set. 1998 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 set. 2020.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Análise das estratégias e recursos “surdos” utilizados por uma professora surda para o Ensino de Língua escrita. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 139-152, jul.dez. 2006.

MARCHESI, A. **Comunicação, linguagem e pensamento das crianças surdas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MARTINS, Mônica Astuto. **Relação professor surdo/ alunos surdos em sala de aula: análise das práticas linguísticas e suas problematizações**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Piracicaba,2010.

MORATO, Kézia Maria Cavalcanti; SOUSA Milene Lima.; MEDEIROS, Rute Leite.; CORDEIRO, Danúbia Barros. Professor surdo, alunos ouvintes: uma experiência de sucesso na cidade de Monteiro-PB. **Congresso Nacional de Educação**, 2014.

PEREIRA, Maria Cristina Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba: Editora UFPR - Edição Especial, n. 2/2014, p. 143-157.

PEREIRA, Maria. Cristina da Cunha; KARNOPP, Lodenir Becker. Leitura e surdez. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, RS, v. 39, n.3, p. 165-177, 2003.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos**. A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed: 2008.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. **A construção de sentidos na escrita do sujeito**

surdo. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1999.

STREIECHEN, Eliziane Manosso. **Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS**; ilustrado por Sérgio Streiechen. Guarapuava: UNICENTRO, 2012